

TERRITÓRIOS, DESLOCAMENTOS URBANOS E EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA INICIANTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Cláudio Márcio Oliveira¹, Karina Figueiredo dos Santos²

1 Professor da Faculdade de Educação da UFMG. Doutor em Educação pela UFMG. Mestre em Educação Física pela UFSC. Licenciado em Educação Física pela UFMG.

2 Professora da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais. Licenciada em Educação Física pela UFMG.

Correspondência para: clamoliv1974@hotmail.com

Submetido em 01 de MAIO de 2021

Primeira decisão editorial em 06 de JUNHO de 2021.

Segunda decisão editorial em 29 de JUNHO de 2021

Aceito em 15 de setembro de 2021

RESUMO

Este trabalho busca investigar o papel dos espaços e tempos urbanos na formação de uma professora iniciante de Educação Física. O pressuposto desta pesquisa é que os usos e apropriações dos espaços e tempos urbanos possuem um caráter formativo, a partir da relação dos sujeitos-professores com a cidade. Para tanto, tomamos a noção de Experiência de Walter Benjamin, que se manifesta através da narrativa dos sujeitos. A metodologia consistiu em observação participante dos deslocamentos urbanos e entrevista semiestruturada de uma professora iniciante de Educação Física, apreendendo suas experiências na cidade de Belo Horizonte. Abordamos as seguintes questões: o processo de escolha pela docência em Educação Física; a dependência do automóvel nos deslocamentos urbanos; o lugar da corporeidade nas práticas pedagógicas e na identidade docente; o caráter instável, precário e “diaspórico” da condição docente no início da carreira, e a abertura para o adensamento da Experiência a partir de seus projetos pessoais e profissionais.

Palavras-chaves: Formação de professores; vida urbana; Educação Física

TERRITORIES, URBAN DISPLACEMENTS AND EXPERIENCES OF A BEGINNING PHYSICAL EDUCATION TEACHER

ABSTRACT

This paper investigates the role of urban spaces and times in the formation of a beginning teacher of Physical Education. The assumption of this research is that the uses and appropriations of urban spaces and times have a formative character, based on the relationship between subject-teachers and the city. For that, we take the Benjamin's notion of Communicable Experience, which is manifested through the narrative of subjects. Methodologically, we conducted a participant observation of urban displacement and a semi-structured interview with a beginning teacher of Physical Education, in order to understand their experiences in the city of Belo Horizonte. We approach the following issues: the process of choosing to teach Physical Education; the automobile dependence on urban displacements; the place of corporeality in pedagogical practices and in teaching identity; the unstable, precarious and "diasporic" character of the teaching condition at the early career; the openness for the densification of the experience from their personal and professional projects.

Keywords: Teacher education; urban life; Physical education.

TERRITORIOS, DESPLAZAMIENTOS URBANOS Y EXPERIENCIAS DE UN PROFESOR DE EDUCACIÓN FÍSICA NOVEL

RESUMEN

Este trabajo busca investigar el papel de los espacios y tiempos urbanos en la formación de una profesora de educación física novel. La hipótesis de esta investigación es que los usos y la apropiación de los espacios y tiempos urbanos poseen un carácter formativo, a partir de la relación de los sujetos – profesores con las ciudades. Para este propósito tomamos el concepto de Experiencia de Walter Benjamín, que se expresa a partir de la narrativa de los sujetos. La metodología utilizada fue la observación participante de los desplazamientos urbanos y entrevista a una profesora novel en educación física a través de sus aprendizajes al respecto, en la ciudad de Belo Horizonte. Abordamos los siguientes temas: El proceso de elegir la enseñanza de la Educación Física; La dependencia del automóvil en los desplazamientos urbanos; el lugar de la corporeidad en las prácticas pedagógicas y en la identidad docente; el carácter inestable, precario y "diaspórico" de la condición docente al inicio de su carrera, y la apertura a la profundización de la Experiencia a partir de sus proyectos personales y profesionales.

Palabras-clave: Formación de profesores; vida urbana; Educación Física

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata do papel dos espaços e tempos urbanos nos processos de formação de uma professora iniciante de Educação Física. Sendo parte de um projeto de pesquisa mais amplo¹,

¹Pesquisa financiada pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (PRPq-UFGM), Edital ADRC 01/17 (Programa Institucional de Auxílio à Pesquisa de Docentes Recém Contratados da UFGM), e aprovado pelo Comitê de Ética da Pesquisa com registro CAAE: 61090416.4.0000.5149.

este trabalho tem como objetivo identificar, a partir dos deslocamentos urbanos, os usos e apropriações dos espaços, ritmos e temporalidades que compõem sua experiência cotidiana.

Tomamos como pressuposto para esta investigação que os espaços e os tempos não são neutros. Seus usos e apropriações interferem diretamente na formação de professores e professoras, em uma íntima relação entre espaços e tempos, tanto urbanos quanto escolares, que constituem a experiência docente dos mesmos.

Fundamental para a realização desta pesquisa é a noção de *Experiência* de um dos maiores pensadores da Modernidade: Walter Benjamin. Experiência (Erfahrung) tomada como marca da subjetivação, cuja forma se manifesta na prática da narração, de modo a transmitir essa experiência aos demais membros do seu grupo/comunidade, tornando-se, portanto, coletiva.

A pesquisa contou com uma professora iniciante de Educação Física que atuava em Belo Horizonte, Minas Gerais, e que possuía, à época da pesquisa, menos de dois anos de docência. Tal delimitação pela docência em Educação Física justificou-se pela hipótese de que a especificidade curricular dos/as professores/as sugere relações com a cidade de maneira particular.

A metodologia da pesquisa consistiu em dois momentos. Inspirada em ferramentas da etnografia da educação (ROCKWELL, 2009), realizamos a observação participante da professora em diferentes dias, agendados de acordo com sua disponibilidade. Com isso buscou-se apreender a *Experiência* desta professora durante todo o dia, envolvendo todos os deslocamentos urbanos, relacionados ou não ao seus espaços-tempos escolares. O segundo momento da pesquisa consistiu na realização de uma entrevista semiestruturada, na qual buscávamos apreender a história de vida da professora e outros aspectos que escapavam à observação participante.

Seguindo a fundamentação teórica do estudo, tomamos duas figuras alegóricas basilares do pensamento benjaminiano, quais sejam, os “camponeses” e “marinheiros”, para pensar a formação de professores/as de Educação Física. É o que trataremos a seguir.

SOBRE “CAMPONESES” E “MARINHEIROS”: AS NOÇÕES DE EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIA DE WALTER BENJAMIN PARA SE PENSAR A FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA CIDADE.

Para se pensar os processos de formação de professores/as por meio de seus deslocamentos urbanos, nos valem das noções de *Experiência (Erfahrung)* e *Vivência (Erlebnis)* presentes na obra de Walter Benjamin (1985, 1989). Um importante elemento da Experiência é a sua inseparável conexão com a narrativa, que a expressa e a adensa, tornando-a, portanto, coletiva. *Experiência* esta que se manifesta em oposição feita ao conceito de *Vivência*, caracterizada pelos choques da estimulação sensorial e sem penetração no aparelho psíquico do sujeito; portanto, destituída da possibilidade de narrar.

Sobre a distinção *Experiência X Vivência*, a psicanalista Maria Rita Kehl (2009) afirma que

O que Benjamin designa por vivência (*Erlebnis*) corresponde ao que, do vivido, produz sensações e reações imediatas, *mas não modifica necessariamente o psiquismo* (op.cit, p.160, grifos da autora).

Já a palavra *Erfahrung*, experiência, que inclui a partícula *fahr* de *fahren*, conduzir, guiar, deslocar-se, tem o sentido daquilo que, ao ser vivido, produz um saber passível de transmissão. Um saber que pode ser passado adiante e que enriquece o vivido não apenas para aquele a quem a experiência é transmitida, mas também para aquele que a transmite. *É no ato da transmissão que a vivência ganha o estatuto da experiência*, de modo que não faz sentido, em Benjamin, a idéia de experiência individual (Ibidem, p.162, grifos da autora).

Renato Franco (2015) também se debruça sobre a distinção Experiência X Vivência. Associa a primeira aos ritmos e processos que constituem o trabalho artesanal, em cumplicidade com os ritmos e tempos da natureza, onde a narrativa seria tomada como uma “forma artesanal de comunicação”, cada vez mais ameaçada pelo desenvolvimento das forças produtivas. Sobre a relação experiência e forma artesanal de produção da vida, Franco vai afirmar que:

Os elementos sedimentados na memória, originários das atividades ligadas ao artesanato, podiam, a qualquer tempo, ser mobilizados pelo sujeito no momento em que esse se deparasse com dificuldades novas, similares às anteriormente enfrentadas: nesse sentido, ele seria “sábio” e “experiente” (FRANCO, 2015, p. 80).

Quanto ao conceito de Vivência, Franco tece as seguintes considerações:

O que, enfim, podemos chamar de “vivência” (Erlebnis), que se contrapõe à “experiência” (Erfahrung)? Vivência é, por assim dizer, a experiência degradada, à qual estão condenados os indivíduos isolados, atomizados, por imposição da organização industrial do trabalho e da própria sociedade que a sustenta. Ela provém da necessidade, sentida pelo homem moderno, de enfrentar a multiplicidade e a intensidade dos estímulos exteriores, que, por seu ímpeto e fugacidade, o impedem de assimilá-los ou sedimentá-los e, conseqüentemente, de se apropriar deles na forma de conhecimento acumulado, como ocorre na experiência. Vivência é, assim, se não completamente original e inusitado, um fenômeno típico da moderna sociedade burguesa. (Ibidem, p.82).

Outro par dialético do pensamento benjaminiano mobilizado nesta investigação é a relação entre *tédio* e *monotonia*. No texto “*O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*”, Benjamin afirma de modo emblemático: “Se o sono é ponto alto do relaxamento corporal, o tédio é o do espiritual. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência” (Benjamin, 1985, p.204). Já a noção de monotonia denuncia uma dada relação com o tempo na qual são subtraídas as possibilidades de fazer juízos de valor. Monotonia que é “inapelavelmente patológica, ela é tempo imóvel, que não passa. Dominado por ela, não somos capazes de reconhecer ou criar valores. Tempo esvaziado de significações, é tão monótono quanto o gesto repetitivo do trabalhador junto à máquina” (MATOS, 2010, p.171). Sobre a monotonia, escreve também Balibar (2002, apud MATOS, 2010):

O tempo da monotonia não tem nenhuma oportunidade de redenção, motivo pelo qual não faculta a possibilidade de julgar o bem do mal, o útil e o prejudicial à autoconservação de si ou a da sociedade em que vive. Ele se concentra na base dos sentimentos de antipatia, do desejo de destruição e da desumanização institucional que se inscrevem na política, de modo que dissolvam a ética sob a atitude da passividade. (BALIBAR, 2002, apud MATOS, p.205).

Walter Benjamin aponta a existência de duas famílias de narradores, personificados nas figuras do *Camponês sedentário* e do *Marinheiro comerciante*. O primeiro é tomado como metáfora da dimensão temporal da Experiência (“viajar” no tempo); já o segundo está relacionado à dimensão espacial da mesma (“viajar” no espaço). O Camponês sedentário vive sua vida toda em um só local e conhece todas as histórias e tradições. Já o Marinheiro comerciante viaja pelo espaço e por esse motivo conhece vários locais (BENJAMIN, 1985).

Para o autor:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes estes dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo e com isso

imagina o narrador que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e suas tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores.

No entanto, essas duas famílias, como já disse, constituem apenas tipos fundamentais. A extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendido se levarmos em conta a interpenetração desses dois tipos arcaicos. Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres na arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário (Ibidem, p. 198-199).

Portanto, a narrativa não é simplesmente o ato de relatar algo, mas trazer à tona as experiências no plural sob um ponto de vista cultural, marcadas pelo entrelaçamento das dimensões individual e coletiva. Assim, apostamos no potencial elucidativo de tais metáforas para esclarecer processos mais gerais nos quais está envolvida a professora pesquisada: *Experiência* e de *Vivência* como chaves de leitura para entender o que ocorre com professores/as em suas tramas/jornadas urbanas, onde “escrevem” a cidade e “são escritos” por ela, com seus limites e possibilidades.

Assim, buscamos nas narrativas de Joana², naquilo que ela possui de “camponês” e de “marinheiro”, visando as dimensões do tempo e do espaço na constituição de sua Experiência.

QUEM É JOANA?

Começamos nossa análise a partir da dimensão “camponesa” desta professora iniciante, como aquela que “viaja no tempo” para construir sua Experiência. Joana é uma professora de Educação Física recém-formada, com menos de três anos de docência, e atribui a escolha da profissão à importância que as lutas tiveram em sua trajetória familiar. Ela narra a sua escolha pelo curso de Educação Física:

Eu vou pra uma área que eu acredito que possa ajudar as pessoas, meio que de uma forma, eu tinha essa coisa de projeto social e eu vou conseguir ser mais ativa na minha atuação. Aí nesse sentido lá pro meu Ensino Médio que eu comecei a pensar eu tenho que fazer uma faculdade, fazer alguma coisa e tal, e aí eu escolhi Educação Física.

² Por questões de ética na pesquisa seu nome é fictício.

Aí quando eu era muito pequena, o meu pai, ele foi lutador de Taekwondo. Então eu peguei uma parte na trajetória dele, meio que no esporte e como isso foi importante para ele na época.

Então pequena eu entrei pro Taekwondo, então quando eu comecei a fazer e tudo mais, eu gostei muito, tipo apaixonei pela luta e tudo mais que é arte marcial. E aí eu acho que eu me solidifiquei no sentido de ir pra área das práticas corporais, eu acho que esse que foi o meu ponto³.

Todavia, apesar de concluir a formação desejada, Joana não consegue dedicar-se somente à docência em Educação Física. Possui outras ocupações profissionais para complementar seu salário. Seus tempos são irregulares, adaptados de acordo com os vários afazeres:

Igual na escola eu trabalho 4 horas, porque são vinte horas semanais. A minha parte da tarde eu vou um dia e dou aula pra duas escolas de inglês. E o serviço de garçom não é sempre, é evento, é bem eventualmente mesmo, tipo fim de semana, às vezes um sábado uma vez no mês. Na terça que eu dou aula de tarde pro inglês, mas por exemplo quarta, quinta e sexta eu não tenho à tarde mais nenhuma atividade; eu tinha na época que eu fazia fisioterapia, mas quarta, quinta e sexta nada, né. Então eu à tarde eu que modifico [as ações] de acordo com cada coisa: minha mãe tá precisando sair na quarta, então a gente vai sair pra fazer tudo. Então, cada semana é uma coisa diferente.

Por motivos de baixa remuneração e problemas de saúde, Joana tem dúvidas sobre sua permanência na docência.

Então eu acho que o que me fez parar foi a coluna, eu falo até que no início eu ficava chateadíssima, eu fiquei mau, mau, mau! Fui afastada pelo INSS, eu ficava o dia todo em casa, não conseguia mexer. Então tem um lance, tipo assim, o psicológico fica muito abalado, parece que é uma coisa pequena na sua vida, mas você tem que mudar tudo, mudar tudo! Aconteceram muitas coisas pessoais também, de outras coisas assim que aí vai modificando. Você já começa a não ter o mesmo humor, então as pessoas que estão ao seu redor também, às vezes não necessariamente aguentam, porque você tá chato mesmo. Então eu acho que o que me fez assim parar pra pensar foi isso, mas se eu tivesse assim, minha coluna ok, eu acho que a única coisa que eu ficaria com raiva. Poxa! Trabalho pra caramba e ganho pouco! Eu acho que é isso, mas vamos focar pra ganhar mais, tentar fazer um mestrado na área de Educação Física coisa e tal. Eu acho que o que faria é isso, mas como passou um momento eu acho que, tipo assim, não necessariamente você vai trabalhar na área, você vai conseguir assim, mexer com os alunos ativamente. Então o que é que você vai fazer? Então você tem que se mudar também, se adaptar né, porque a gente se adapta ao meio ou você é devorado por ele também.

Em relação às especificidades de sua condição docente, Joana atua, à época da pesquisa, como professora temporária em uma escola de Educação Especial na Rede Municipal de Belo Horizonte. Para aumentar sua renda, Joana precisa se dedicar a diversas atividades, sendo que

³ Todas as narrativas de Joana advém desta entrevista, realizada em 13 de abril de 2018.

a docência em inglês a remunera melhor que a docência em Educação Física. Desvalorização e representações do trabalho que tem pautado seu ingresso como professora de Educação Física.

OS MÚLTIPLOS TRAJETOS DE JOANA: FORMAÇÃO DOCENTE EM MOVIMENTO

As categorias empíricas formuladas para pensar as relações entre a professora Joana com a cidade são: a *mobilidade urbana*; a *mobilidade laboral*; as *corporeidades e sensibilidades*; os *projetos pessoais*.

Mobilidade urbana: uma “marinheira” na cidade

Fazendo uso da alegoria do “marinheiro comerciante” de Walter Benjamin, a ideia é analisar as dimensões espaciais da Experiência de Joana. Como esta professora “viaja no espaço” de Belo Horizonte? Como seus deslocamentos constituem sua Experiência, tornando-a professora “em movimento”?

Joana destaca a importância do carro para seus deslocamentos na cidade. Para ela não existe docência sem vários deslocamentos diários. O automóvel, portanto, torna-se ferramenta fundamental para cumprir os horários e suprir suas demandas de tempo.

No caminho do trabalho Joana falou da importância que o carro tem pra ela. Pois, sem ele, ela levaria 5 horas (2:30 na ida e 2:30 na volta) somente em deslocamentos para o local de trabalho, pois seriam 4 ônibus por dia. Nos acompanhamentos posteriores foi confirmada a importância do automóvel: ela utiliza o carro para o trabalho costumeiramente. (Nota de campo, dia 03 de outubro de 2017)

A partir da centralidade do automóvel, Joana exerce o consumo do tempo e do espaço. O veículo e a própria cidade tornam-se valor de troca: o deslocamento transforma-se em mercadoria⁴. Questão que remete àquilo que Henry Lefebvre (2006) chamou de *Direito à Cidade*, onde a proclamação da vida urbana se daria a partir da cidade praticada como valor de uso, contrapondo-se à lógica na qual a cidade é mero valor de troca. Cidade como valor de

⁴ Em 2017, um ano antes da pesquisa, a taxa de motorização de Belo Horizonte já era de 0,745 veículos/habitante. Cf. BELO HORIZONTE, BHTRANS, *Balanço Anual da Mobilidade Urbana de Belo Horizonte 2018* (ano base 2017) [https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/bhtrans/2019/documentos/Balan%C3%A7o%20anual%20da%20mobilidade%20urbana%20de%20Belo%20Horizonte%202018%20\(ano%20base%202017\).pdf](https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/bhtrans/2019/documentos/Balan%C3%A7o%20anual%20da%20mobilidade%20urbana%20de%20Belo%20Horizonte%202018%20(ano%20base%202017).pdf). Acesso em: 23 de ago. 2020.

uso que difere do modelo rodoviarista de Belo Horizonte e das outras capitais brasileiras. Para o autor:

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à *obra* (à atividade participante) e o direito à *apropriação* (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no “direito à cidade” (op.cit., p.135, grifos do autor).

Ao se deslocar, Joana apresenta uma característica costumeiramente “dispersa” na sua relação com o trajeto.

Durante o trajeto, o trânsito estava muito “pesado”. Então Joana olhou no aplicativo no celular e percebeu que o trânsito estava completamente engarrafado. Enquanto dirigia, ela comia, conversava, ouvia música com fone de ouvido e mexia no celular. Inclusive me preocupei com a nossa segurança em alguns momentos, já que ela estava dividindo a atenção que deveria estar no trânsito. Por vezes mostrei-lhe que o trânsito havia “andado”, para que ela arrancasse o carro. Então um ônibus tentou entrar na avenida na nossa frente e parou quase no meio da rua. Ela comenta sobre a beleza do motorista, e nem se importou com o fato deste entrar na nossa frente de repente, podendo causar um acidente. (Nota de campo, dia 02 de março de 2018).

As adversidades durante os trajetos são aproveitadas para tentar fruir a cidade, estabelecendo relações à medida que ocorrem fatos que não estavam “previstos”.

Chegamos na porta do prédio onde funciona o estúdio de Pilates. Paramos e ela começou a observar a praça que estava “movimentada”. A senhora que faz Pilates no mesmo horário que Joana chegou, e elas se cumprimentaram. Em um momento apareceu um homem passeando com o cachorro poodle, e ela comentou que o cachorro era bonitinho, pois seu rabo parecia um espanador. Concordei e rimos juntas. (Nota de campo, dia 24 de outubro de 2017)

O que é “oferecido” pela cidade em sua espacialidade parece modular e determinar as percepções de Joana em seus diferentes momentos do cotidiano. Apropriações diferentes dos espaços e ritmos da cidade, em que há maior ou menor concessão à imprevisibilidade. Joana desloca-se atendendo a demandas de prontidão, com maior ou menor possibilidade de fruição.

Walter Benjamin (1989) nos ajuda a refletir sobre essa condição cidadina. O autor revela importantes “chaves de leitura” para se pensar as cidades na Modernidade. Tem destaque a construção de uma nova sensorialidade, um verdadeiro “treinamento dos sentidos” para se deslocar.

O mover-se através do tráfego implicava uma série de choques e colisões para cada indivíduo. Nos cruzamentos perigosos, inervações fazem-no estremecer em rápidas sequências, como descargas de uma bateria. Baudelaire fala do homem que mergulha na multidão como em um tanque de energia elétrica. E, logo depois, descrevendo a experiência do choque, ele chama esse homem de “um caleidoscópio dotado de consciência”. Se, em Poe, os passantes lançam olhares ainda aparentemente despropositados em todas as direções, os pedestres modernos são obrigados a fazê-lo para se orientar pelos sinais de trânsito. A técnica submeteu, assim, o sistema sensorial a um treinamento de natureza complexa. (op.cit., p. 124-125)

A ocorrência de violência no trânsito também foi observada, “marcando” os trajetos de Joana:

No caminho houve uma briga no trânsito, em frente ao Hospital André Luiz. Um carro avançou a parada obrigatória e quase derrubou o motoqueiro. Então, o motoqueiro desceu da moto e foi andando até o carro que estava parado no sinal. O motoqueiro tirou o capacete e começou a agredir o motorista. Joana dentro do seu carro demonstrou grande preocupação com o incidente que aconteceu logo à nossa frente. Quando conseguimos sair dali ela comentou que já presenciou outras vezes esse tipo de violência. E que uma vez já foi quase agredida no trânsito por um outro motorista, que se irritou com ela. (Nota de campo, dia 24 de outubro de 2017)

Diante deste cenário, a “dispersão” e os “choques” advindos da violência fazem com que Joana mobilize táticas para se proteger, bem como para não viver constantemente sob tensão.

Mobilidade laboral na seara da Educação Física

Ainda em diálogo com Walter Benjamin, continuamos a mobilizar a alegoria do marinheiro comerciante, aquele que “viaja no espaço”. Buscamos, nas narrativas de Joana, sua Experiência com o mundo do trabalho.

Joana cursou Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, transita por três ocupações distintas, uma delas sem relação com a docência. Suas ocupações são díspares e precárias, atuando também como professora de Inglês e garçonete. Sua docência em Inglês para crianças é mais vantajosa financeiramente que seu trabalho como professora de Educação Física.

O inglês que eu dou aula uma vez por semana, então eu falo que em questão financeira, tipo assim, paga mais, que minha hora aula lá é 45, 40 reais. E a hora aula que ganho na Escola Especial [como professora de Educação Física], eu acho que dá dez reais só. Eu falo assim, tipo em questão de prioridade financeira. A nossa área tem essa coisa, do você trabalhar com o corpo você é menos valorizado do que quando você trabalha ensinando uma disciplina que escreve, sei lá, uma coisa assim. Eu acho que a visão é essa, não que a gente não escreva, né? Mas é igual lá na Educação Especial a gente trabalha na atuação direta, né, com os meninos com deficiência, então lá nessa escola [onde dá aulas de inglês] eu ganho muito mais.

E aí então eu trabalho lá [nas escolas] e de garçoneiro, porque meu pai mexe com negócio de buffet, então ele me põe nos eventos. Eu tenho uma relação com o trabalho meio que dá pra você fazer o que você gosta também, igual eu por exemplo gosto de onde que eu trabalho. Mas não é o suficiente pra você ficar no que você gosta. Eu acho que infelizmente em questões capitalistas né, a gente vive num contexto em que você precisa de produto, você precisa de subsídio. Então, só que dentro desse contexto que eu convivo eu acho que eu preciso de dinheiro, eu trabalho pra ter dinheiro, basicamente.

Sobre os vários deslocamentos diários que faz para trabalhar, Joana ressalta seu cansaço.

Uai tipo assim é cansativo, cansativo que às vezes eu tenho vontade de ser contratada pra ficar o dia todo [no mesmo local], por mais que às vezes é bom sair pra outras coisas, às vezes ficar o dia inteiro numa coisa só, porque é cansativo. Eu acho assim: tô lá, aí tem que tomar banho, comer rápido e ir pro inglês. Aí do inglês eu chego e vou pra tal lugar. São muitas coisas! Eu acho que, em questão de deslocamento é cansativo, mas eu ainda tenho o lance que eu desloco de carro, né? Então às vezes eu fico tipo, eu fico meio mal por deslocar de carro por questões que eu fico assim: um carro, uma pessoa tá ocupando um espaço aí tipo que tá fazendo com que o trânsito aumente e faz com que questão é...questão ecológica também. Eu acho que um carro pra uma pessoa é um absurdo, sabe? Aí eu fico assim, vou tirar carteira de moto, aí só que aí por causa da minha coluna não posso.

De ônibus eu não conseguiria chegar, essa é a questão: quando meu carro ficou estragado eu não consegui ir pro meu Pilates, não consegui ir na minha fisioterapia às duas horas da tarde, eu saio do serviço meio dia e meio, almoço e tal. Então falei assim: carro, querendo ou não tipo assim, e eu gasto muito dinheiro de gasolina também, é assim, muito caro. Então em questão de deslocamento eu acho cansativo ter que deslocar tanto. Mas, tipo assim: eu vejo que é o agora, é o que tem. O que tem é isso, por enquanto. Mas não é uma coisa que eu tenho vontade de fazer a vida toda não, não é uma coisa que eu acho que teria muita vitalidade por mais anos desse jeito.

Porque eu acho que é bom você deslocar. Igual: “Vamos sair? Vamos!”, mas eu gosto de sair pra locais mais próximos, gosto de sair às vezes perto da PUC⁵, que é um lugar ali que só tem a [Avenida] Abílio Machado, que tem bar legal também. Mas o povo às vezes fala assim: “Vamos pro Centro?”. Eu fico desanimada, tipo assim: se não tem lugar pra parar também, vou ter que ir de ônibus e voltar de “Uber”, porque querendo ou não o ônibus demora, e eu acho perigoso também, voltar muito tarde sozinha, eu não gosto. Então o máximo que eu evito né, em questão de transporte público de ser muito tarde, eu prefiro evitar, e eu acho que basicamente é isso. Deslocamento eu acho cansativo. Se pudesse que as coisas fossem mais próximas, pelo menos o trabalho, se tivesse um aqui [próximo de casa] seria ótimo.

Diante dos deslocamentos realizados por Joana, podemos pensar sobre os conceitos de Experiência e Vivência de Walter Benjamin, em que a primeira “atravessa” o sujeito, enquanto a “segunda” é algo que não pode ser narrado. Dessa forma, tais deslocamentos podem ser mais relacionados ao conceito de Vivência por se tratarem majoritariamente de

⁵ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, universidade em que Joana fez sua formação em nível superior.

trajetos que ela não consegue narrar: apenas passa por eles de forma “dispersa”, mantendo uma relação de indiferença com os mesmos.

A condição docente de Joana é marcada, portanto, por um certo caráter “nômade” e pela diversidade de atividades laborais no início de sua carreira. Mesmo com a inserção de Joana em uma escola da rede pública de ensino, a instabilidade e a proletarização acompanham sua docência iniciante em Educação Física, cujas representações sociais se expressam na remuneração em relação ao ensino de outras disciplinas escolares.

Corporeidades e sensibilidades

A corporeidade de professores/as em seus tempos e espaços nos convida à reflexão. Se considerarmos que Joana atua como professora de Educação Física na Educação Especial, seu corpo ganha centralidade na atuação e em sua identidade docente.

Segundo Joana, a condição física é bastante exigida para o trabalho: questão fundamental nesse momento de sua carreira profissional. Destaque para as exigências corporais da Educação Física na Educação Especial: um envolvimento pleno e constante do corpo da professora no ensino, no cuidado e na relação com as crianças e jovens. Na relação com sua prática pedagógica, Joana vê sua corporeidade como requisito essencial para sua identidade e para sua atuação.

Na minha adolescência teve uma queda que eu tive que aí eu fiquei internada duas semanas, e os médicos não tem uma explicação [para seus problemas na coluna]. Ou pode ser genético ou realmente algum acontecimento, um desgaste. Não é tipo escoliose assim não, e aí isso vai desgastando todos os meus discos intervertebrais. Só que aí começou pela lombar, então meu disco já é quase todo desgastado, se desgastar mais tenho que fazer cirurgia, e não é só ele: os [discos intervertebrais] de cima estão desgastando também. Então esse foi o ponto em que falei: “Nó! Formei e vou pra área que eu gosto de fazer e aí não posso atuar, não consigo atuar! E aí foi um momento que eu falei: eu vou ter que mudar tudo!

Outra questão que afeta a corporeidade e a sensibilidade de Joana são os riscos presentes em seus deslocamentos urbanos. Temos uma tríade medo-gênero-violência que aparece em seus trajetos, em especial quando não dispõe do automóvel. A relação com o estranho lhe causa medo, e pauta o seu cotidiano.

Outro dia eu tive ir que num negócio lá no Centro por meu serviço. Aí o meu carro eu deixei no serviço e peguei o ônibus, porque eu falei: assim no Centro não tem lugar pra parar. Então nesse dia eu vou mais avacalhada que eu posso, que tipo assim eu falo que é tenso: você não pode ter uma liberdade porque eu gostaria às vezes de andar menos pior, igual essa roupa aqui eu acho péssima, eu não gosto [o uniforme que ela estava vestindo], mas eu prefiro ir com essa roupa aqui e tal no Centro, que é preta e fechada. Eu sinto menos assim, no sentido de assédio diminui um pouco do que quando eu tô com um short, porque eu acho por exemplo que quando eu tô com um short, a pessoa ela se sente mais à vontade pra assediar. Ela pensa que tipo, ela olha pro seu corpo e vê ali uma forma a mais de poder fazer o que ela quer. Eu enxergo isso, igual eu andando mesmo e o cara diz: “Nossa! Que peitão hein!”

Nesse sentido, o ITDP Brasil (Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento), em estudo publicado sobre o acesso de mulheres e crianças à cidade do Recife, confirma que Joana não está sozinha nessa relação entre condição feminina e violência urbana. O estudo afirma que a mobilidade não é neutra em relação ao gênero. O comportamento das mulheres é marcado pelo constrangimento e a vergonha de se expor publicamente, além de considerar o peso de uma eventual culpabilização da mulher no assédio pela roupa que veste (INSTITUTO, 2018). As ações de Joana corroboram o que outras mulheres pesquisadas fazem para tentar prosseguir suas vidas na cidade.

Eu acho que é questão de violência principalmente né, violência contra a mulher também. Estupro, índice de estupro é altíssimo, eu acho que se pelo menos só roubasse meus pertences, eu tava feliz. O negócio é que os cara quer estuprar, entendeu. Então ser mulher é muito complicado, é foda porque o seu corpo ele...é tipo... tá na vitrine e pode pegar se quiser, entendeu!? Eu volto de UBER, ou com alguém. Mas de ônibus, se eu tiver que sair pra voltar de ônibus e tal, eu não saio. Porque eu não, tipo assim, eu acredito que uma forma de manifestar talvez fosse fazer ao contrário [uso do vestuário], fosse realmente tentar e tudo mais, mas se eu tivesse em grupo, se eu tivesse com outras mulheres.

As reflexões de Walter Benjamin sobre o treinamento dos sentidos nas cidades têm uma marca particular aqui. Na condição feminina de Joana, o treinamento de reação aos choques é movido pelo medo da violência e assédio/abuso sexual. A educação dos sentidos e dos corpos é informada por profundas marcas de gênero: uma “educação física” das mulheres na cidade. Ponto pra se pensar qual “corporeidade docente” adentra as aulas de Educação Física após “transitar” por essa condição.

Projetos pessoais: para onde Joana deseja ir?

Tomando estas dimensões e a compreensão benjaminiana de que a narrativa se adensa, logo tornando-se coletiva, entendemos que as jornadas humanas-docentes de Joana continuam. O

que se expressam nos “outros possíveis”, contidas em sua narrativa, também de seus projetos pessoais.

Joana destaca sua intenção de ter mais “foco” e mais “certezas” em suas escolhas. Destaca sua vontade de cursar mestrado e doutorado, e se tornar professora universitária. Porém, encontra-se desmotivada, por considerar a área acadêmica “muito fechada”.

Quero ter um pouco mais de foco, às vezes por eu achar tão legal muita coisa eu não consigo direcionar uma, porque eu gosto de tanta [coisa]! Também não tem como fazer tudo! Eu tenho vontade de ir pro meio acadêmico, eu tenho vontade de fazer mestrado, não necessariamente na área de Educação Física. Eu tenho vontade de estudar gênero, estudar questões raciais e tudo mais. Eu acho que fazer mestrado eu tenho vontade, de fazer mestrado e dar aula em faculdade, é uma coisa que eu tenho muita vontade, que é formar pessoas que vão atuar. É muito massa, muito legal! Igual eu: entrei de uma forma na faculdade e saí de outra completamente diferente! Fui me modificando de várias formas.

Se eu conseguisse passar em algum concurso, eu estou pensando em fazer mestrado e doutorado. Assim eu acho uma área (acadêmica) muito fechada, eu acho que isso desmotiva [a tentar ingressar]. Mas, eu acho muito bacana! Eu acho que a sua voz, ela não vai ser escutada só quando você estiver no meio acadêmico, você pode e você tem voz em vários locais. Mas, eu acho que é importante ter representatividades que não sejam sempre as mesmas no meio acadêmico e no caso eu acho que eu, mulher, pobre, enfim, precisa desse tipo de pessoa também nesse meio, né? Não só as mesmas de sempre! Então questão de assim de futuro, agora que eu vou parar um pouco, eu acho que a lógica de emprego, essa coisa muito fechada, uma coisa que você tem que cumprir hora, você tem que bater ponto, você não consegue ter momento de reflexão. Você está ali todo dia fazendo a mesma coisa, então você meio que cai na rotina e meio que só vai, só vai! Então eu acho que é interessante esse tempo que eu vou ter, né, que eu não vou trabalhar, eu acredito que eu vou conseguir dar uma esfriada de tudo que aconteceu nesse e dar uma direcionada [na vida].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Benjamin (1985, 1989), ao se debruçar sobre a obra de Charles Baudelaire, nos ajuda a refletir sobre as cidades na Modernidade. Destaca a construção de uma nova sensorialidade, um verdadeiro “treinamento dos sentidos” para se deslocar que, no caso de Joana, vão da prontidão (motivada inclusive pelo medo) à indiferença. Como foi dito, os deslocamentos de Joana podem ser mais relacionados ao conceito de Vivência, por atuar de forma reativa na maior parte dos trajetos; o que leva a um quadro de monotonia devido à escassez de contemplação, dificultando os juízos de valor. Tal monotonia é acentuada pela maior ou menor precariedade das condições de trabalho, expressos nos seus espaços-tempos docentes.

A precariedade das condições de trabalho, aliada ao modelo rodoviarista, resulta em uma condição inicial docente “nômade”, “pendular”, “frenética”, e até mesmo “diaspórica”: Joana não trabalha em um único lugar, dando ao automóvel papel central no exercício de sua profissão. Diáspora caracterizada pelo afastamento de sua casa, cujo desejo/projeto é passar a trabalhar próximo à sua residência. Seu trabalho é afetado por uma verdadeira “terciarização da docência”, em que a profissão se encontra em franco processo de proletarização. Os movimentos, na cidade e na vida, são pautados pela instabilidade laboral no início de sua carreira: um cruzamento de tempos e espaços que produzem sensações de medo e insegurança quanto ao futuro profissional.

Tal situação impacta na corporeidade de Joana. Como “marinheira”, têm sua disponibilidade corporal demandada todo tempo nos mais diversos afazeres de sua docência em Educação Física. Como “camponesa”, é oriunda da prática esportiva e percebe o desgaste de seu corpo ao longo da carreira, o que afeta inclusive sua própria identidade como professora. Apesar disso tudo, sua opção pela docência ainda permanece, mesmo com todos os percalços, configurando sentido para Joana.

Milton Santos (2007) nos fala de uma necessária geografização da cidadania, que supõe os direitos territoriais e os direitos culturais, entre os quais o direito ao entorno. Após este estudo somos chamados, com base no autor, a defender uma *geografização da condição docente e das formações inicial e continuada de professores/as de Educação Física*, já que o *Direito à Cidade* (ou a falta dele) formam/deformam não apenas Joana, como também outros docentes.

Pensemos, portanto, uma cidade *DOS/AS e PELOS/AS PROFESSORES/AS*, cujas jornadas e narrativas nos convidam a novas Experiências e caminhos a compartilhar e a trilhar.

REFERÊNCIAS

BELO HORIZONTE, BHTRANS, **Balanco Anual da Mobilidade Urbana de Belo Horizonte 2018** (ano base 2017) [https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/bhtrans/2019/documentos/Balan%C3%A7o%20anual%20da%20mobilidade%20urbana%20de%20Belo%20Horizonte%202018%20\(ano%20base%202017\).pdf](https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/bhtrans/2019/documentos/Balan%C3%A7o%20anual%20da%20mobilidade%20urbana%20de%20Belo%20Horizonte%202018%20(ano%20base%202017).pdf). Acesso em: 23 de ago. 2020.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, v. 1,1989, p. 103-149.

FRANCO, Renato. **10 Lições sobre Walter Benjamin**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

KEHL, Maria Rita. **O Tempo e o Cão**: a atualidade das depressões São Paulo: Boitempo, 2009.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2006.

ROCKWELL, Elsie. **La ExperienciaEtnografica**:historia y cultura en los procesos educativos. 1 ed. Buenos Aires: Paidós, 2009.

INSTITUTO de Políticas de Transporte e Desenvolvimento. Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento. **O Acesso de Mulheres e Crianças à Cidade**. 2018. Disponível em: Acesso em: http://itdpbrasil.org.br/wp-content/uploads/2018/01/ITDP-Brasil-_O-Acesso-de-Mulheres-e-Crianças-a-Cidade-_ABR-2018.pdf. 12 jun.2018.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2007.